

# Produção de clíticos por crianças bilingues e monolíngues<sup>1</sup>

João Costa<sup>\*</sup>, Maria Lobo<sup>\*</sup> & Fernanda Pratas<sup>\*\*</sup>

<sup>\*</sup>FCSH-Universidade Nova de Lisboa/CLUNL / <sup>\*\*</sup>Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

## Abstract

Omission of clitics has been often considered a critical marker of language development. Results on clitic production reveal that languages differ regarding the rates at which clitics are omitted, as well as on the duration of the clitic omission stages. The current paper compares clitic omission by monolingual and bilingual children acquiring European Portuguese and Capeverdean Creole. We show that omission is only found in monolingual Portuguese and in bilingual Capeverdean. These results confirm earlier findings on the precocious sensitivity to the availability of null objects, and signal object drop as a critical distinguishing factor for differentiating bilinguals and monolinguals.

**Keywords:** acquisition, clitics, European Portuguese, Capeverdean, bilingualism

**Palavras-chave:** aquisição, clíticos, português europeu, caboverdiano, bilinguismo;

## 1. Introdução

### 1.1 Aquisição de clíticos

Muitos estudos têm sido dedicados ao fenómeno de omissão de clíticos na aquisição, considerando quer o desenvolvimento típico, quer o desenvolvimento atípico, em particular as perturbações específicas do desenvolvimento da linguagem (Jakubowicz *et al.*, 1998; Tuller *et al.*, 2011). Diferentes trabalhos têm mostrado que existe omissão de clíticos aos 3 anos de idade na aquisição de línguas como o italiano (Schaeffer, 1997, 2000), o francês (Jakubowicz *et al.*, 1996; Hamann *et al.*, 1996; Jakubowicz *et al.*, 1998), o catalão (Wexler, Gavarró e Torrens, 2004; Gavarró, Torrens e Wexler, 2010) e o português europeu (Costa e Lobo, 2007a). Para línguas como o grego (Tsakali e Wexler, 2004), o romeno (Babyonyshev e Marin, 2006), o serbo-croata (Ilic e Ud Deen, 2004) e o espanhol (Fujino e Sano, 2002; Reglero e Ticio, 2003), a omissão de clíticos não parece verificar-se após os 2 anos de idade. Verifica-se que há diferenças entre línguas quanto às taxas de omissão e quanto às idades em que o fenómeno deixa de se registar. Para uma mesma língua, podem também encontrar-se diferenças entre estudos quanto à manifestação de omissão e quanto às idades em que o fenómeno se verifica. Estas discrepâncias podem dever-se a diferenças na forma como os dados foram recolhidos. Por exemplo, os estudos

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi parcialmente desenvolvido no âmbito do projeto europeu COST IS0804 *Language Impairment in a Multilingual Society: Linguistic Patterns and the Road to Assessment*, que pretende estabelecer referenciais de desenvolvimento que distingam o desenvolvimento monolíngue típico, o desenvolvimento bilingue típico e crianças monolíngues e bilingues com perturbações específicas da linguagem. Agradecemos a colaboração dos responsáveis e das crianças nos jardins de infância Pimpão e Disneylândia (Praia, Cabo Verde), no Moinho da Juventude na Cova da Moura (Lisboa) e ainda de Helderise Rendall.

de Fujino e Sano (2002) e de Reglero e Ticio (2003), que documentam a omissão na aquisição do espanhol, baseiam-se em dados de produção espontânea de crianças com idades inferiores a 2 anos; o estudo de Wexler, Gavarró e Torrens (2004), que descreve a ausência de omissão na aquisição do espanhol, baseia-se numa tarefa de produção induzida, em crianças falantes de espanhol peninsular com idades entre os 2;6 e os 4;11.

Wexler, Gavarró e Torrens (2004) defendem que a omissão de clíticos na aquisição se deve a uma restrição da gramática inicial das crianças, sujeita a maturação. Apenas nas línguas em que há concordância de participio passado com o clítico haveria omissão em estádios iniciais de aquisição, por haver restrições quanto ao número de verificações de traços sintáticos. Esta hipótese prediz: i) que haja apenas omissão nas línguas em que há morfologia de concordância com o objeto; ii) que a omissão ocorra apenas em idades precoces (antes dos 4 anos).

Para o português europeu, Costa e Lobo (2007a) mostram que a omissão se prolonga até idades mais tardias do que em outras línguas. Costa e Lobo (2007a,b), Costa, Lobo e Silva (2009) e Silva (2008) mostram que aos 6 anos ainda há omissão de clíticos em português europeu. O português europeu, ao contrário de outras línguas, permite a construção de objeto nulo (Raposo, 1986):

(1)- E o teu carro?

- Levei Ø para a garagem. / Levei-o para a garagem.

A omissão de clíticos em português europeu pode, assim, confundir-se com a construção de objeto nulo. Contudo, quando testamos contextos em que o objeto nulo não é legítimo na gramática do adulto, conseguimos distinguir os dois fenómenos. Costa e Lobo (2007a), Costa e Lobo (2007b) e Silva (2008) mostram que a omissão de clíticos também se verifica com pronomes reflexos e em contexto de ilha, ao contrário do que acontece noutras línguas. Os autores colocam a hipótese de que a omissão de clíticos no português europeu corresponde a uma sobregeneralização da construção de objeto nulo. Esta hipótese é apoiada por dados da compreensão. Como mostram Costa e Lobo (2009), Costa, Lobo e Silva (2009) e Costa e Lobo (2011), as crianças aceitam leituras transitivas para verbos sem complemento realizado em contexto de ilha e em contextos reflexos, não tendo ainda associado ao objeto nulo as propriedades de uma variável. As crianças distinguem, no entanto, os diferentes contextos, manifestando taxas diferenciadas para clíticos acusativos não reflexos de terceira pessoa em frases simples – os que têm taxas mais altas de omissão – e para clíticos reflexos, clíticos de primeira e segunda pessoa e clíticos em contexto de ilha, com taxas mais baixas de omissão.

## 1.2 Aquisição de pronomes por bilingues

Estudos realizados com bilingues mostram que pode haver interferência entre línguas. Apesar de as crianças bilingues, de acordo com a hipótese do sistema dual (Meisel, 2004), separarem as duas línguas, há áreas em que a separação não parece ser tão clara, em particular as áreas de interface sintaxe-discurso (Muller e Hulk, 2001). Ora, o uso de um pronome, de um clítico ou de uma forma nula exige conhecimento linguístico na interface sintaxe-discurso.

Barragòn, Pratas e Costa (2010) mostram que há omissão de sujeitos pronominais clíticos em crianças bilingues caboverdiano-português residentes em Portugal, apesar de o caboverdiano não permitir sujeitos nulos, mas não em crianças monolingues falantes de caboverdiano, residentes em Cabo Verde. Coloca-se, assim, a hipótese de que as crianças bilingues estejam a optar pela forma nula em vez de optarem pela forma pronominal clítica.

Relativamente a contextos de bilinguismo que envolvem uma língua que tem apenas pronomes fortes (inglês) e uma língua que permite sujeitos nulos (italiano), os resultados são diferentes. Serratrice *et al.* (2004) mostram que pode haver influência do inglês no italiano na produção de pronomes, com maior realização de sujeitos pronominais plenos em italiano em crianças bilingues inglês-italiano. Sorace *et al.* (2009) mostram que as crianças bilingues italiano-inglês residentes no Reino Unido aceitam mais facilmente do que as monolingues e do que bilingues residentes em Itália sujeitos realizados em contextos discursivos não apropriados e que só nas crianças bilingues se verificou uma pequena taxa de aceitação de sujeitos nulos não apropriados.

De acordo com estes estudos, na aquisição bilingue parece importar a natureza da forma pronominal em ambas as línguas – plena, clítica ou nula –, mas o contexto de imersão também parece poder desempenhar um papel, uma vez que o estudo de Sorace *et al.* (2009) mostra que há diferenças entre bilingues residentes em Itália e bilingues residentes no Reino Unido.

## 1.3 Clíticos e objeto nulo em português europeu e em caboverdiano

Antes de descrevermos os objetivos do estudo que levámos a cabo, é importante descrevermos diferenças entre o português e o cabo-verdiano na realização do objeto.

Tanto o português europeu como o caboverdiano têm clíticos (Pratas 2002), como ilustrado em (2) com clíticos de 3ª pessoa não reflexos:

(2)a. O João viu{-o/-a/-os/-as}.

b. Djon odja-l/-s.

O Djon viu-o/-a/-os/-as

Contudo, apenas em português europeu é possível retomar um antecedente discursivamente saliente através de um objeto nulo:

(3) a. A: E o teu filho?

B: O João viu{-o / Ø}.

b. A: I bu fidju?

B: Djon odja{-l/\*Ø}.

O Djon viu-o/ \* Ø

Para além disso, como é sabido (Raposo, 1986), em português europeu a construção de objeto nulo tem características de uma variável sintática, não podendo ocorrer em domínios de ilha, como, por exemplo, as orações subordinadas adverbiais:

(4) O cão ganiu quando o carro {o/\*Ø} atropelou.

Assim, embora as duas línguas tenham clíticos, elas distinguem-se quanto à possibilidade de um objeto discursivamente saliente ser omitido.

#### 1.4. Omissão de clíticos e bilinguismo: questões de investigação

Neste trabalho, temos como objetivo comparar a produção de clíticos por crianças monolíngues falantes de português europeu, crianças monolíngues falantes de caboverdiano e crianças bilingues português europeu-caboverdiano, de forma a verificar se o fenómeno de omissão de clíticos também ocorre no grupo de crianças bilingues.

Uma vez que ambas as línguas têm clíticos, mas só o português europeu permite objetos nulos (ver secção 1.3), colocam-se as seguintes questões:

a) Haverá omissão de clíticos nas crianças monolíngues de caboverdiano?

b) Haverá interferência nas crianças bilingues?

c) Em caso de resposta afirmativa a b), qual o sentido da interferência? Será que o desenvolvimento de clíticos é mais precoce no português das crianças bilingues ou será que se verifica omissão no caboverdiano das crianças bilingues?

A predição para a questão a), tendo em conta os estudos existentes, é que não haja omissão de clíticos na aquisição monolíngue do caboverdiano, uma vez que nesta língua não existe objeto nulo, nem concordância de objeto.

Relativamente à questão b), tendo em conta estudos anteriores como os de Serratrice *et al.* (2004), Serratrice *et al.* (2011), Sorace *et al.* (2009) e Barragòn, Pratas e Costa (2010), entre outros, que mostram que, em contextos de aquisição bilingue, pode haver interferência entre línguas, prediz-se que a resposta possa ser positiva, uma vez que o uso de um clítico ou de objeto nulo exige conhecimento linguístico na interface sintaxe-discurso.

Quanto à questão c), as predições são menos claras, uma vez que vários fatores parecem estar em causa: i) a natureza das estruturas linguísticas envolvidas; ii) as suas propriedades morfosintáticas nos dois sistemas linguísticos; iii) o contexto de imersão das crianças bilingues.

Na próxima secção, descrevemos um teste aplicado a monolíngues e bilingues de caboverdiano e de português, que procura dar resposta às questões acima enunciadas.

## 2. Método

### 2.1. Tarefa

Para induzir a produção de clíticos por crianças monolíngues de português, usou-se uma tarefa concebida no âmbito do projeto COST IS0804, semelhante a outras usadas em outros trabalhos (Jakubowicz *et al.*, 1998, por exemplo). O teste contém uma sequência de imagens, apresentadas em computador, em que um personagem X está a fazer qualquer coisa a um personagem Y. O investigador apresenta a imagem à criança e pergunta: “O que é que X está a fazer a Y?”. Uma vez que X e Y estão salientes no discurso, espera-se que sejam retomados por pronomes. Se a língua tiver pronomes nulos, quer para a função de sujeito, quer para a de objeto, espera-se que seja escolhida a forma mais fraca ou, pelo menos, que haja alguma variação entre as formas usadas.

A tarefa consistiu em 12 itens e 5 distratores. Os verbos usados no teste foram os seguintes: *pentear, cortar, lavar, secar, lambe, molhar, pintar, empurrar, puxar, acordar, comer*.

A imagem seguinte ilustra um exemplo de item de teste para o contexto de orações simples. Ao apresentar a imagem, o investigador diz: “Olha! Um menino e um gato. O que é que o menino está a fazer ao gato?” Numa língua com pronomes, espera-se que a criança responda com um pronome, como em caboverdiano “E sata modja-l” ou em português “Está a molhá-lo”. Se a língua permitir objetos nulos, a omissão do pronome também é gramatical, como em português “Está a molhar Ø”.



Imagem 1. Exemplo de item de teste para a condição de oração simples.

Para os monolíngues de caboverdiano, foi usada uma tarefa semelhante, mas com 20 itens de teste. Os itens continham os seguintes verbos, cada um usado duas vezes: *pentia* ‘pentear’, *pintxa* ‘empurrar’, *morde* ‘morder’, *lava* ‘lavar’, *puxa* ‘puxar’, *brasa* ‘abraçar’, *linpa* ‘limpar’, *lenbe* ‘lambe’, *kume* ‘comer’, *modja* ‘molhar’. O teste continha ainda 10 distratores, que não induziam a produção de pronomes.

Para o grupo de bilingues, que foi testado em ambas as línguas – português e caboverdiano – foi aplicada ainda uma tarefa em que o pronome ocorre dentro de uma ilha. Este teste, concebido no âmbito do projeto COST A33 (cf. Varlokosta *et al.*, em preparação), segue a ideia de Costa e Lobo (2007a) de que só é possível saber se há omissão de clíticos e não construção de objeto nulo se se induzir a produção de clíticos num contexto sintático em que o objeto nulo não é permitido na gramática adulta, como o das ilhas sintáticas. Neste caso, tínhamos 10 itens que induziam a produção de um pronome dentro de uma oração subordinada adverbial. O investigador apresentava uma imagem à criança em que um personagem X estava a fazer qualquer coisa a um personagem ou a um objeto Y. O investigador descrevia a imagem e fazia uma pergunta com *porque*. A pergunta induzia uma resposta com um pronome dentro de uma oração causal com *porque*. O contexto favorecia o uso de um pronome, uma vez que se tornava o antecedente muito saliente no discurso. Os verbos usados foram: *lamber, tapar, pentear, acordar, pintar, atar, lavar, comer, apanhar, molhar*.

Apresentamos, de seguida, um dos itens que induzia a produção de clíticos em ilhas.

Perante a imagem 2, o investigador dizia: “A mãe está a pentear a menina e a menina está muito bonita. Porque é que a menina está muito bonita? A menina está bonita porque...”

Sendo os clíticos obrigatórios em caboverdiano e sendo a construção de objeto nulo excluída em ilhas, espera-se que seja produzido um clítico tanto em português – “(A menina está bonita porque...) a mãe está a penteá-la.” – como em caboverdiano – “Minina sta bunitu pamodi si mae sata pentia-l”.



Imagem 2: Exemplo de item de teste para o contexto de ilha.

Referir-nos-emos à tarefa que induzia a produção de clíticos em orações simples como Teste de Orações Simples e à tarefa que induzia a produção de clíticos em orações causais como Teste de Ilhas.

## 2.2. Participantes

O Teste de Orações Simples foi aplicado em português a 20 crianças monolingues em fase de aquisição do português europeu, com idades entre os 5;0 e os 5;11 (média: 5;5), sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A mesma versão do teste foi aplicada a um grupo de 20 adultos, com idades entre os 18 e os 56 anos (média: 25;3), que funcionou como grupo de controlo.

A versão do teste em caboverdiano foi aplicada em Cabo Verde a 36 crianças, com idades entre os 3;0 e os 5;11, distribuídas por três grupos de acordo com a faixa etária: 12 crianças tinham entre 3;0 e 3;11 (média: 3;5), 5 do sexo masculino e 7 do sexo feminino; 12 tinham entre 4;0 e 4;11 (média: 4;4), 2 do sexo masculino e 10 do sexo feminino; as restantes 12 crianças tinham entre 5;0 e 5;11 (média: 5;4), 5 do sexo masculino e 7 do sexo feminino.

Dada a ausência de estudos anteriores sobre omissão de clíticos em caboverdiano, optámos por incluir aqui três faixas etárias (ou seja, incluímos dois grupos com crianças mais novas do que as monolingues portuguesas). Por limitações impostas pelo trabalho de campo em Cabo Verde, apesar de o número global de crianças falantes monolingues de caboverdiano testadas ser 36, o número de crianças em cada faixa etária (12) é inferior ao número das crianças falantes monolingues de português (20). O teste foi ainda aplicado a 10 adultos caboverdianos monolingues (testados em Cabo Verde), com idades entre os 18 e os 49 anos (média: 31).

O grupo de bilingues era constituído por 9 crianças, sem diagnóstico de perturbações cognitivas ou linguísticas, com idades entre 5;1 e 6;0 (média: 5;4). Estas crianças nasceram em Portugal e podem ser consideradas bilingues consecutivos, uma vez que adquiriram o caboverdiano à nascença em ambiente familiar e passaram a ter contacto regular com o português quando começaram a frequentar o jardim de infância, aos 2 anos de idade. Este grupo foi testado quer no Teste de Orações Simples, quer no Teste de Ilhas, em caboverdiano e em português. Cada versão do teste foi aplicada por um investigador diferente, falante nativo da língua em causa, num dia diferente. A versão em caboverdiano foi aplicada em primeiro lugar, uma vez que, nesta língua, os clíticos são obrigatórios e não se espera encontrar variação, ao contrário do que acontece em português. O teste foi aplicado também a um grupo de 8 adultos bilingues (média de idade: 38;7), nas duas versões.

Todos os sujeitos foram testados individualmente. As respostas foram gravadas em formato áudio, e transcritas por um investigador durante o teste e confirmadas por outro

investigador depois do teste. Não foi imposto um limite de tempo e não foi dada qualquer informação ao participante sobre a adequação da resposta. O participante apenas foi encorajado a completar a tarefa. As crianças receberam uma pequena recompensa no final.

No grupo de controlo, procurámos incluir falantes bilingues com idênticos tempos de exposição ao português. Assim, este grupo é constituído por 8 adultos com idades entre os 31 e os 58 anos (média: 38;4), que têm o cabo-verdiano como língua materna e vivem e trabalham em Portugal há pelo menos dez anos.

### 3. Resultados

As respostas obtidas nos Testes foram classificadas de acordo com as seguintes categorias:

- a) clítico – consideraram-se aqui todas as respostas com clíticos, mesmo quando o clítico não tinha a forma morfológica esperada (e.g. dativo<sup>2</sup> em vez de acusativo);
- b) omissão – resposta sem qualquer elemento lexical na posição de complemento;
- c) DP – respostas em que o participante usa um DP pleno em vez do clítico;
- d) pronome forte – pronome forte (e.g. *ele*) usado em vez de um clítico;
- e) outras respostas – respostas em que o participante não responde ou substitui o verbo transitivo por um verbo intransitivo.

Nas próximas secções, apresentamos os resultados divididos por grupo.

#### 3.1 Falantes monolingues – português europeu

No Teste de Orações Simples aplicado às crianças e adultos monolingues, falantes de português europeu, obtiveram-se resultados semelhantes aos de estudos anteriores (Costa, Lobo e Silva, 2009). Os resultados, ilustrados na Tabela 1, mostram que tanto as crianças como os adultos omitem clíticos, o que corresponde a uma opção legítima na gramática-alvo. Uma vez que em estudos anteriores se mostra que há sobregeneralização da construção de objeto nulo na aquisição, não é surpreendente que as crianças apresentem taxas de omissão mais elevadas.

---

<sup>2</sup> Na apresentação dos resultados, não contabilizamos as produções de clítico com Caso diferente do esperado, uma vez que, tendo em conta os objetivos deste artigo, apenas é relevante aferir a produção de clíticos complemento e não a sua função sintática.



	Crianças	Adultos
Clítico	24,2%	56%
DP	10,4%	19%
Omissão	61,7%	25%
Pronome forte	1,3%	0%
Outro/Ausência de resposta	2,5%	0%

Tabela 1. Crianças e Adultos Monolíngues – Português Europeu – Teste de Orações Simples

É possível, ainda, observar que, globalmente, as crianças produzem menos clíticos do que os adultos, mas, como defendido em Costa, Lobo e Silva (2009), o facto de selecionarem maioritariamente ou clíticos ou objetos nulos mostra que dominam o contexto pragmático. A taxa de DPs, contudo, é mais surpreendente, uma vez que o contexto favorecia o uso de uma forma fraca (pronominal ou nula). A substituição de clíticos por DPs na aquisição está documentada em trabalhos como os de Schaeffer (1997) ou Wexler, Gavarrò e Torrens (2004). Para os adultos, se observarmos os resultados individuais, verifica-se que esta estratégia foi usada fundamentalmente por dois adultos.

Observemos os resultados individuais de crianças e adultos:

Participante	Clítico	DP	Omissão	Pronome forte	Outro/Ausência de resposta
1	66,6	8,33	16,66	0	8,33
2	33,3	16,6	50	0	0
3	0	0	91,66	0	8,33
4	16,6	25	50	8,33	0
5	0	0	100	0	0
6	75	0	16,66	0	8,33
7	8,33	41,6	33,33	0	16,6
8	0	8,33	91,66	0	0
9	66,6	8,33	25	0	0
10	41,6	8,33	50	0	0
11	16,6	41,6	41,66	0	0
12	16,6	8,33	58,33	8,33	8,33
13	0	0	100	0	0
14	16,6	8,33	75	0	0
15	41,6	16,6	33,33	8,33	0
16	0	0	100	0	0
17	0	16,6	83,33	0	0
18	0	0	100	0	0
19	41,6	0	58,33	0	0
20	41,6	0	58,33	0	0

Tabela 2. Teste de Orações Simples – Resultados Individuais – Crianças Monolíngues Portugueses

Como se observa na Tabela 2, há variação entre indivíduos e num mesmo indivíduo. As crianças usaram diferentes estratégias, mas quase todas optam preferencialmente pela omissão, o que confirma a tendência para usar objeto nulo.

Comparemos agora estes resultados com os resultados individuais dos adultos:

Participante	Clítico	DP	Omissão
1	41,66	8,33	50
2	66,66	0	33,33
3	66,66	8,33	25
4	50	16,66	33,33
5	66,66	0	33,33
6	83,33	0	16,66
7	0	0	100
8	100	0	0
9	100	0	0
10	0	0	100
11	100	0	0
12	0	100	0
13	0	0	100
14	91,66	8,33	0
15	83,33	0	16,66
16	0	91,66	8,33
17	91,66	0	8,33
18	100	0	0
19	100	0	0
20	33,33	66,66	0

Tabela 3. Teste Orações Simples – Resultados Individuais – Adultos Monolíngues Portugêses

Também aqui se pode verificar que há variação entre indivíduos e alguma variação interna aos indivíduos. Para alguns adultos, há variação livre entre clíticos e objeto nulo; para outros, há uma preferência por uma das estratégias. O uso de DPs vem sobretudo de dois participantes.

### 3.2 Falantes monolíngues – caboverdiano

Se considerarmos agora os resultados obtidos pelas crianças e pelos adultos monolíngues de caboverdiano no Teste de Orações Simples (Tabela 4), verificamos que as taxas de omissão são muito baixas e que os clíticos são produzidos em taxas elevadas.

	3 anos	4 anos	5 anos	adultos
Clítico	78,15%	91,25%	93,5%	92,5%
DP	9,24%	5,45%	3,2%	2,5%
Omissão	12,61%	3,3%	3,3%	5%

Tabela 4. Teste de Orações Simples – Monolíngues – Caboverdiano

Os resultados mostram um comportamento esperado, tendo em conta os estudos existentes para outras línguas. Apenas no grupo de 3 anos há alguma omissão (em taxas relativamente baixas), que se torna praticamente inexistente a partir dos 4 anos.<sup>3</sup> As crianças de 4 e 5 anos produzem clíticos em taxas muito elevadas, superiores a 90%, e não se encontram diferenças entre crianças e adultos. Assim sendo, não nos parece relevante apresentar resultados individuais para esta população.

### 3.3 Falantes bilingues – caboverdiano/português

Consideremos, agora, os resultados das crianças e dos adultos bilingues, falantes de português e de caboverdiano.

No Teste de Orações Simples aplicado em português, ambos os grupos apresentam alguma omissão:

	Crianças	Adultos
Clítico	22,7%	53%
DP	9,4%	34%
Omissão	55%	11%
Pronome forte	3,3%	0%
Outro/Ausência de resposta	9,4%	2%

Tabela 5. Teste de Orações simples – Crianças e Adultos Bilingues – versão em português

Tal como as crianças monolíngues portuguesas, as crianças bilingues, quando testadas em português, têm objetos nulos. O mesmo acontece com os adultos, embora a taxa de omissão seja inferior e, inversamente, a de produção de clíticos mais elevada. Neste aspeto, os indivíduos bilingues não diferem dos monolíngues. Se considerarmos os resultados

<sup>3</sup> Veja-se que, de acordo com a hipótese de que é a presença de concordância de participio passado que provoca a omissão de clíticos, não deveria haver omissão na aquisição do caboverdiano, ao contrário do que acontece em italiano (Schaeffer, 1997, 2000), catalão (Wexler, Gavarró e Torrens, 2004; Gavarró, Torrens e Wexler, 2010) e francês (Hamann *et al.* 1996; Jakubowicz *et al.* 1998).

individuais de crianças e de adultos bilingues, também se observa alguma variação entre participantes e num mesmo participante.<sup>4</sup>

Vejamos agora os resultados obtidos no Teste de Ilhas, que induzia a produção de clíticos num contexto em que o objeto nulo não é permitido na gramática do português europeu (Costa e Lobo, 2007a):

	Crianças	Adultos
Clítico	24,4%	70%
DP	10%	30%
Omissão	44%	0%
Pronome forte	13,4%	0%
Outro/Ausência de resposta	7,8%	0%

Tabela 6. Teste de Ilhas – Crianças e Adultos Bilingues – versão em português

Como se pode observar na Tabela 6, ambos os grupos têm comportamentos esperados e semelhantes aos dos monolingues: os adultos reconhecem que o objeto nulo não é possível neste contexto, mas as crianças, de acordo com os resultados de Costa e Lobo (2006), Silva (2008), generalizam o objeto nulo ao contexto de ilhas. Crucialmente, os adultos distinguem o contexto de ilhas do contexto de orações simples: só aceitam objeto nulo em orações raiz.

Observemos agora qual o comportamento das crianças e dos adultos bilingues na versão do teste em caboverdiano. Consideremos, em primeiro lugar, o Teste de Orações Simples:

	Crianças	Adultos
Clítico	27,8%	83%
DP	15%	13%
Pronome forte	1,1%	0%
Omissão	51,7%	0%
Outro/Ausência de resposta	4,4%	4%

Tabela 7. Teste Orações Simples – Crianças e Adultos Bilingues – versão em caboverdiano

Contrariamente ao que aconteceu com os monolingues caboverdianos, neste caso, as crianças e adultos tiveram comportamentos distintos. As crianças omitiram clíticos, o que

<sup>4</sup> Por questões de limitação de espaço, não apresentamos aqui os resultados individuais.

não é possível na gramática do adulto. Nos adultos, pelo contrário, não há qualquer omissão. O mesmo aconteceu no Teste de Ilhas, como ilustrado na Tabela 8:

	Crianças	Adultos
Clítico	41,1%	90%
DP	17,8%	2%
Omissão	30%	0%
Pronome forte	4,4%	0%
Outro/Ausência de resposta	6,7%	8%

Tabela 8. Teste de Ilhas – Crianças e Adultos Bilingues – versão em caboverdiano

Também neste contexto, os adultos não fazem omissões. As crianças, no entanto, também omitem no contexto de ilhas em caboverdiano, tal como aconteceu na versão portuguesa do teste.

### 3.4 Síntese dos resultados

Os resultados descritos nas secções acima são interessantes quando comparamos os diferentes grupos. Em síntese, as comparações entre grupos mostram as seguintes diferenças:

a) crianças monolingues português vs. adultos monolingues português: tal como descrito na literatura (Costa e Lobo, 2006; Silva, 2008; Costa e Lobo 2009), as crianças monolingues de português conhecem a construção de objeto nulo e usam-na, mas estendem-na ao contexto de ilhas; os adultos monolingues de português usam tanto clíticos como objetos nulos, com taxas mais altas de produção de clíticos, mas não fazem omissão em ilhas.

b) crianças monolingues português vs. crianças monolingues caboverdiano: os resultados mostram que apenas as crianças portuguesas usam objetos nulos em orações simples; as crianças monolingues caboverdianas produzem clíticos em taxas muito elevadas, quase não tendo omissão.

c) adultos monolingues portugueses vs. adultos monolingues caboverdianos: enquanto os adultos portugueses usam a construção de objeto nulo, embora em taxas variáveis consoante o participante, os adultos caboverdianos produzem sistematicamente clíticos.

d) crianças monolingues português vs. crianças bilingues testadas em português: ambos os grupos usam objetos nulos em orações raiz e os bilingues, tal como descrito na

literatura para as crianças monolíngues de português, também generalizam o objeto nulo ao contexto de ilhas.

e) crianças monolíngues caboverdianas vs. crianças bilingues testadas em caboverdiano: neste caso, os dois grupos tiveram desempenhos distintos; ao contrário dos monolíngues, os bilingues omitiram clíticos em caboverdiano.

f) adultos monolíngues portugueses vs. adultos bilingues testados em português: os dois grupos de controlo tiveram resultados idênticos, aceitando objeto nulo em orações simples, mas não em ilhas.

g) adultos monolíngues caboverdianos vs. adultos bilingues testados em caboverdiano: estes dois grupos tiveram desempenhos semelhantes, ambos rejeitando objetos nulos e produzindo clíticos em taxas elevadas.

Assim, podemos chegar às seguintes conclusões:

i) as crianças monolíngues conhecem as propriedades gramaticais do sistema-alvo quanto à possibilidade de a língua ter clíticos e objetos nulos, embora haja extensão excessiva do uso de objetos nulos pelas crianças portuguesas;

ii) os adultos bilingues diferenciam os dois sistemas quanto à legitimidade de clíticos e de objeto nulo;

iii) as crianças bilingues manifestam interferência, mas apenas num sentido: a existência de objeto nulo em português interfere na produção em caboverdiano.

#### **4. Discussão**

Se retomarmos as questões enunciadas na Introdução, podemos chegar a algumas conclusões interessantes.

Em primeiro lugar, de um ponto de vista comparativo, os resultados das crianças monolíngues caboverdianas confirmam os resultados obtidos para outras línguas: aos 3 anos ainda revelam alguma omissão de clíticos, mas aos 5 anos isso já praticamente não se verifica. Apesar de este tópico do desenvolvimento linguístico estar documentado para muitas línguas (veja-se Varlokosta *et al.*, em preparação), tanto quanto sabemos ainda não estava descrito para o caboverdiano. É interessante verificar que, neste aspeto, o caboverdiano não difere de outras línguas.

Em segundo lugar, os resultados confirmam a ideia de que as crianças portuguesas sabem que a sua língua permite objetos nulos, mas ainda generalizam a construção de objeto nulo ao contexto de ilha aos 5 anos (Costa e Lobo, 2009).

O resultado mais interessante do nosso estudo é contudo o do grupo de bilingues. Tal como antecipado, as crianças bilingues manifestaram interferência de um sistema no outro. A hipótese de Muller e Hulk (2001), segundo a qual as áreas de interface estão mais suscetíveis de sofrerem interferência no bilinguismo, apesar de os dois sistemas se desenvolverem independentemente, aplica-se também ao fenómeno dos objetos nulos. De facto, a aquisição da construção de objeto nulo no português é claramente uma área de interface: as crianças têm de determinar quais os contextos discursivos em que o objeto nulo é legítimo e têm de identificar quais os contextos sintáticos em que um clítico não alterna com objeto nulo.

Como vimos, a direção da interferência verificou-se, contudo, apenas num sentido: as crianças bilingues usaram objetos nulos em caboverdiano e não fizeram um uso extensivo de clíticos em português. A forma nula tomou o lugar da forma clítica e não o contrário.

Várias explicações podem ser dadas para esta unidirecionalidade da interferência.

Uma das hipóteses pode passar pelo contexto linguístico de imersão. As crianças bilingues que testámos residem em Portugal, onde a língua dominante é o português. Em estudos como o de Serratrice *et al.* (2004) ou Sorace *et al.* (2009), a direção da interferência parece ir num sentido oposto: a forma pronominal plena é sobreusada em vez da forma pronominal nula. Contudo, neste caso, o contexto de imersão tinha como língua dominante o inglês, língua que tem apenas formas pronominais plenas.

Uma outra hipótese, mais interessante, seguindo a proposta de Rizzi (2005), é que o desempenho das crianças se guie por um princípio de simplicidade, levando a criança a optar por opções paramétricas que reduzem o peso computacional do sistema de produção, desde que não haja evidência positiva em contrário. A importância da redução do peso computacional nos estádios iniciais de aquisição explicaria por que razão apenas alguns parâmetros que envolvem categorias vazias apresentam instabilidade em fases iniciais do desenvolvimento. A mesma descontinuidade não se observa em parâmetros que não envolvem categorias elípticas, tais como parâmetros relacionados com movimento do V ou com a direcionalidade núcleo-complemento.

Como vimos acima, a opção por um objeto nulo envolve áreas de interface, o que determina interferências linguísticas na aquisição bilingue. Assim sendo, as crianças terão evidência para assumir que também o caboverdiano permite objetos nulos. O *input* do

português permite que a criança conserve um valor paramétrico que reduz o peso computacional no sistema de produção, optando pela forma nula. A influência não se dá na direção contrária, uma vez que essa opção não conduz a uma simplificação no sistema de produção.

Em Costa e Lobo (2011), defende-se a hipótese de que a variabilidade do *input* provoca um atraso no desenvolvimento de clíticos e de objeto nulo em crianças monolíngues. Para as crianças bilingues, propomos que a variabilidade, associada ao papel desempenhado pelas interfaces, provoca interferência linguística e um atraso no desenvolvimento.

Finalmente, gostaríamos de referir a importância que estes resultados poderão ter para a diferenciação de crianças monolíngues portuguesas, monolíngues caboverdianas e bilingues em português e caboverdiano, uma vez que estes dados permitem planejar estratégias clínicas e educativas diferenciadas para as diferentes populações.

## Referências

- Babyonyshev, M. e S. Marin (2006) Acquisition of Romanian pronominal clitics. In A. Gavarró & C. Lleó, eds. *Catalan Journal of Linguistics* 5. The Acquisition of Romance, pp. 17-44.
- Barragòn, A.; F. Pratas, J. Costa (2010) Null subjects and impairment in Portuguese and Capeverdean, Poster apresentado no 3º Encontro do Projeto “Language Impairment in a Multilingual Society: Linguistic Patterns and the Road to Assessment”, Larnaca.
- Costa, J. e M. Lobo (2006) A aquisição de clíticos em PE: Omissão de Clíticos ou Objectos Nulos? *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*. APL, Lisboa, pp. 285-293.
- Costa, J. e M. Lobo (2007a) Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese. In S. Baauw, F. Drijkonongen e M. Pinto, eds. *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 59-72.
- Costa, J. e M. Lobo (2007b) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos, *XXII Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados*. APL Lisboa; pp. 303-313.
- Costa, J. e M. Lobo (2009) Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In A. Pires e J. Rothman, eds. *Minimalist Inquiries into Child Language Acquisition. Case Studies across Portuguese*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 63-84.



- Costa, J. e M. Lobo (2011) Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados 2010*, pp. 197-207.
- Costa, J., M. Lobo e C. Silva (2009) Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus* 21.2, pp. 143-162.
- Fujino, H. e T. Sano (2002) Aspects of the null object phenomenon in child Spanish. In A.T. Pérez-Leroux & J. Muñoz Licerias, eds. *The Acquisition of Spanish Morphosyntax*. Dordrecht: Kluwer, pp. 67-88.
- Gavarró, A., V. Torrens e K. Wexler (2010) Object clitic omission: Two language types. *Language Acquisition*, 17 (4), pp. 192-219.
- Hamann, C., L. Rizzi e U. H. Frauenfelder (1996) On the acquisition of subject and object clitics in French. In H. Clahsen, ed. *Generative perspectives on language acquisition*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 309-334.
- Ilic, T. & K. Ud Deen (2004) Object raising and cliticization in Serbo-Croatian child language. *Proceedings of GALA 2003*, Volume 1, LOT, pp. 235-243.
- Jakubowicz, C., N. Müller, O.-K. Kang, B. Riemer e C. Rigaut (1996) On the acquisition of the pronominal system in French and German, In *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville MA: Cascadilla Press, pp. 374-385.
- Jakubowicz, C.; L. Nash,; C. Rigaut e C-L. Gérard (1998) Determiners and Clitic Pronouns in French-Speaking Children with SLI. *Language Acquisition* 7:2, pp. 113-160.
- Meisel, J. M. (2004) The bilingual child. In T. K. Bhatia e W. C. Ritchie, eds. *The handbook of bilingualism*. Malden, MA: Blackwell Publishers, pp. 91-113.
- Müller, N. e A. Hulk, A (2001) Crosslinguistic influence in bilingual language acquisition: Italian and French as recipient languages. *Bilingualism: Language and Cognition* 4 (1), pp. 1-21.
- Pratas, F. (2002) *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago): Questões de Gramática*. Diss. Mestrado, FCSH-UNL.
- Raposo, E. (1986) On the null object construction in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán, eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.
- Reglero, Lara e E. Ticio (2003) The Acquisition of Clitics in Child Spanish. In *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Languages: Papers from the 5th Hispanic Linguistics Symposium and the 4th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 297-316.

- Rizzi, L. (2005). Grammatically-based target-inconsistencies in child language. Ms., University of Sienna.
- Schaeffer, J. (1997) Direct Object Scrambling in Dutch and Italian Child Language. *UCLA Dissertations in Linguistics*, Number 17.
- Schaeffer, J. (2000). *The acquisition of direct object scrambling and clitic placement: Syntax and pragmatics*. Amsterdam: Benjamins.
- Serratrice, L.; A. Sorace e S. Paoli (2004) Crosslinguistic influence at the syntax–pragmatics interface: Subjects and objects in English–Italian bilingual and monolingual acquisition. *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (3), pp. 183-205.
- Serratrice, L. A.; Sorace, F.; Filiaci e M. Baldo (2011) Pronominal objects in English-Italian and Spanish-Italian bilingual children. *Applied Psycholinguistics* 33.4, pp. 725-751.
- Sorace, A., L. Serratrice, F. Filiaci e M. Baldo (2009) Discourse conditions on subject pronoun realization: testing the linguistic intuitions of older bilingual children. *Lingua* 119, pp. 460-477.
- Silva, C. (2008) *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Tsakali, V. & Wexler, K. 2004. Why children omit clitics in some languages, but not in others: New evidence from Greek. *Proceedings of GALA, 2, LOT*, 493-504
- Tuller, L., H. Delage, C. Monjauze, A.-G. Piller, M.-A. Barthez (2011) Clitic pronoun production as a measure of atypical language development in French. *Lingua* 121, pp. 423-441.
- Varlokosta, S. *et al.* (em preparação) A Crosslinguistic Study of the Acquisition of Clitic and Pronoun Production. Projeto COST A33.
- Wexler, K., A. Gavarrò & V. Torrens (2004) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe & P. Sleeman, eds. *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 253-68.